

「 dossiê: escrita e pandemia 」

Gabriela Aguerre

Notas de uma possível escrita pós-pandêmica

Um amigo me avisa que terminou o romance que vinha escrevendo havia dois, três anos. Pergunta se eu gostaria de ler. Fico feliz por ele ter conseguido vencer o atual estado das coisas e avançando pelos caminhos da narrativa para, finalmente, conseguir dizer: está pronto, posso mostrar. Ao imaginar o rosto dele, com uma barba crescida que nunca vi ao vivo, me sinto diante de um espelho manchado e creio me ver, entre perplexa e assustada, olhando para todas as palavras que andam sendo escritas e, em número menor, para as que leio – quando consigo me concentrar. Presto atenção aos processos que permitiram que essas palavras viessem à tona e penso nas cigarras que rompem a casca na última fase da vida, deixando para trás um corpo antigo. Me vejo agora observando do alto, olhando para tudo o que consigo pensar, dizer e escrever, e tento deixar de lado as palavras de antes, como se elas pertencessem a um corpo velho.

Quando isso tudo começou, sonhei que todos os livros da minha casa apareciam com as páginas em branco. Nem os clássicos sobreviveram, muito menos os contemporâneos ou todas as expressões da poesia. Ainda no sonho, senti que haveria um longo trabalho pela frente, meu, seu, nosso, de reescrever todos os livros, acrescentando os contextos, as notas de rodapé, revisitando as grandes afirmações, redesenhando os

próprios sonhos emersos. Como se o que antes assumíamos ser correto agora tivesse virado excepcional. Como se essa mudança de paradigma alterasse todo o sentido de uma leitura, de uma cena imaginada e de todas as formas de escrita. Quem sou agora, enquanto leio? Onde estou agora, enquanto escrevo? Como isso vai chegar ao lado de lá?

O sonho dos livros apagados e o romance terminado do meu amigo me despertaram para uma sensação não necessariamente nova, mas que, agora, aparece de maneira mais clara e que ensaio formular aqui. Existe na palavra escrita algo para além da palavra em si, que se dilui e se mantém ao mesmo tempo: o gesto. Talvez por isso eu nunca tenha conseguido me relacionar com um texto que se anuncia como anônimo, ou de fonte desconhecida, e me veja abismada diante das lendas e dos mitos, procurando reconhecer, ou ao menos imaginar, a primeira vez que aquela história foi contada, por quem, para quem. Traço uma linha contínua contemplando o gesto de quem pronunciou a palavra pela primeira vez, e de quem a reproduziu, e de quem a registrou, e de quem a concatenou com outras palavras, e como isso foi lido, reverberou, e foi depois reproduzido infinitas vezes, virando outros textos, em outras línguas, carregando ou não a intenção e o sentido dessa palavra original. O que há nesse gesto que sobrevive? Eu não sei, mas isso me atrai, a ideia da transversalidade da escrita, de tudo o que atravessa o momento de escrever até chegar ao tudo que atravessa o momento da leitura. Do mesmo modo, tento vislumbrar as circunstâncias e motivações que estão em uma ponta e as circunstâncias e motivações que estão na outra, e o que pode nascer quando as duas se encontram: a compreensão, o eco, uma semente, um passeio, um caminho só de ida, e algumas vezes de ida e volta, transformador em ambas as pontas.

Mas tudo isso antes.

Então, me vejo observando este momento agora, que, como todos os outros momentos, é de passagem de um estado a outro, de fluxo permanente, mas de uma incerteza tamanha que nos despertou, de forma coletiva, para um estranhamento novo e terrível. Talvez a experiência de exílio seja a que se aproxime mais a esta, agora. Estar fora do mundo, dentro da própria casa, diante de tantas experiências de luto que transformam a dor e a angústia em certezas coletivas, que talvez configurem uma nova urgência do que escrever, e como escrever.

Antes, às vezes precisava me colocar em movimento, em busca de algo que parecesse importante ou surpreendente e que, por si só, evocasse o novo ou o velho redescoberto. Quantas ideias não surgiram diante da vidraça do primeiro vagão da linha amarela do metrô de São Paulo, em pé, a luz atravessando os túneis a mais de 80 quilômetros por hora, meu corpo quieto mas acionado a velocidades impensáveis, enquanto cortava os subterrâneos da cidade e depois desacelerando, com essas chacoalhadas que só o movimento nos dá. E agora esta quietude.

Talvez por eu morar diante de nada que me mostre movimento. Muito pouco. Não consigo ver dentro da casa de vizinhos. Percorro as janelas buscando pedaços de outras vidas. Alcanço, às vezes, ver um corpo que se estica ao sol, outro que aparece de relance para sacudir uma toalha, regar uma planta, alguns vultos que passam. Folhagens de palmeiras se movem quando bate o vento. Do céu vejo apenas fragmentos, preciso fazer força para entender se é começo da manhã ou fim da tarde. Outro dia, ouvi sinos de uma igreja que eu nem sabia que ficava tão perto, mas que agora se aproxima, contando as horas, cortando o silêncio dos quarteirões que nos separam.

Fomos isolados uns dos outros, e superaproximados uns aos outros, com poucas nuances reservadas ao acaso ou ao desejo. Podemos nos lembrar de quem éramos antes, mas não sabemos ainda quem vamos ser. Já não nos reconhecemos: sabemos exatamente quando isso começou a acontecer, mas ignoramos o impacto que o distanciamento social, as tragédias em volta e o canto soturno das notícias vai provocar em nós a curto, médio e longo prazos. Eu mesma andei lendo mais o mundo do que as palavras. Não sei quais palavras vão dar conta de transformar uma coisa em qualquer outra coisa nem sei que narrativas farão sentido. Não sei que livros serão esses. Não que antes eu soubesse quais seriam escritos nem por quê. Mas agora algo parece me mover em direção a uma busca que faça sentido pelo gesto tanto da escrita quanto da leitura.

Não fomos feitos para ficarmos quietos ou parados o tempo todo, muito embora se apreciem tanto os momentos de contemplação. Vejo uma folha caindo de um buquê de azaleias brancas que uma amiga deixou na portaria do prédio em que vivo e que alegrou por alguns dias o centro da minha mesa, dentro de uma garrafa de leite de coco. Uma

coisa é recolher as pétalas antes do café da manhã, um movimento até que desejável, quebrando a mecanicidade de pôr a mesa ou dispor a xícara, o prato, o jornal, acender o interruptor quando a luz fraca que entra pelas roupas do varal ainda não permite ler o jornal. Outra coisa é ver a pétala caindo e reconhecer o momento exato da queda, a vertigem do caminho e o pouso horizontal. Talvez seja esse um assunto possível.

Tudo fica menos importante do que saber se aquela pessoa que eu amo, aquelas pessoas que eu amo, as pessoas que as pessoas que eu amo amam, se todas elas estão bem. E quando consigo ampliar a minha visão parcial guiada por meus afetos imediatos e amplificar os cuidados e a consciência de estar no planeta, e alcanço pensar em quem eu não conheço, então me convido e quero fazer alguma coisa — mas, antes de pensar em algo possível, penso no impossível e anulo a chance de fazer algo. Tento dormir, porque é madrugada, e em geral acordo bem, conseguindo mover alguma peça que pode mover outras, e outras, mas logo as preocupações voltam. Procuo distrações. Não há palavra que baste.

Conto o tempo em intervalos de catorze dias. Toda vez que saio à rua preciso me isolar. Sou a única pessoa que entra na casa de minha mãe, que pertence a um grupo de risco. Nesse período, vejo não só a folha caindo como o buquê de azaleias envelhecendo, mais outro de rosas que estavam aqui desde o primeiro dia, e ainda mais outro, misturado, que arrumei quando saí à rua a pé para ir à farmácia. Voltei recolhendo flores do chão dos canteiros dos prédios e montei um arranjo que pareceu fresco e colorido, combinando, e depois fiquei com medo de ter trazido um vírus para casa.

Construí um pequeno altar dentro de uma jarra de vidro com tudo aquilo que foi envelhecendo, quebrando e ficando, de alguma maneira, belo. Talvez seja um cemitério. Cacos de um copo marroquino, rolhas de garrafas de vinho, as flores que vêm secando, uma lâmpada que queimou e que vai ser difícil encontrar outra igual, um isqueiro sem gás, algumas pedrinhas. O arranjo me lembra do tempo passando todos os dias — mesmo que pareça sempre um dia igual — e de todas as coisas que sobrevivem aos dias. Das flores, ainda: as rosas que foram envelhecendo desde o primeiro dia, lá pelas duas semanas comecei a ver pequenos brotos nascendo nos caules cortados. Verdes e viçosos, pareciam esperanças

de que ali pudesse nascer algo novo, que vieram vindo até secarem e o buquê virar o centro do museu do tempo, dentro da jarra de vidro.

Fui juntando outras coisas, como recortes de jornal, do único jornal que chega à minha porta (trazido por alguém, transportado por alguém, impresso por alguém, escrito por alguém – toda a cadeia de linhas de frente que permitiu que o jornal chegasse até aqui, dentro de um saquinho amarelo, que manipulo e deixo amarfanhado no tanque e depois lavo as mãos), imaginando que em algum momento vou olhar para esses papéis amarelado e tentar recompor uma linha temporal, uma sequência concreta de manchetes e títulos e histórias daqueles que perdemos, plural majestático que inclui a todos. São frases em repouso que aguardam uma descontaminação, talvez, para significarem o pior ou o melhor, não sei. Quando fomos mil parecíamos um céu de estrelas foscas. Depois, chegamos a 2.588, ainda era abril. Agora, somos mais de cem mil, não cabemos mais em conta alguma.

Enquanto fui escrevendo este texto, aos poucos, algumas horas por dia, por vários dias, fui anotando sempre, antes de iniciar, o número de pessoas que morreram no país por conta do vírus. Observava o número, tachava o número – e, nesse gesto de riscar, sentia na carne a ausência repentina de 15.662 pessoas, 23.522 pessoas, 40.276 pessoas – as mortes que poderiam ter sido evitadas. À medida que ia reorganizando meus fragmentos, fui embaralhando esses números, que me traziam constantemente a consciência da falta, imensa. Mas não. Falta imensa era o que eu sentia antes. Isto agora é uma falta elevada a muitas potências – e toda a impotência que vem disso. Aceito o impossível e tento, talvez reconhecendo no fragmento uma outra unidade possível.

Me vejo olhando para algo que é apenas um objeto, de dia, de tarde, de noite – sempre olhando para o mesmo objeto que traz consigo a promessa de me tirar daqui um pouco: toda a vida mediada por ele – afetos, transações, recados, aulas, debates. Quando muito, migro para um outro objeto, um pouco menor, mas que cumpre as mesmas as funções com acréscimos sutis, algumas funcionalidades. Ambos prometem o que obviamente não cumprem: transportar, unir, mostrar o mundo. Por instantes, sinto raiva da ilusão reconfortante que criam, pela companhia sem companhia, pela solidão da sala quando se encerra uma reunião virtual.

Me vejo sozinha e, ao mesmo tempo, tão acompanhada. Impotente e, ao mesmo tempo, unida à dor do mundo. Reconhecendo as palavras miúdas e os sentimentos grandiloquentes — ou a versão quase oposta a essa, dos sentimentos mesquinhos e das palavras exageradas. E dando espaço para as frustrações: pode parecer, mas isto não é uma festa, isto não é uma reunião, isto não é uma aula, isto não é um sarau, isto não é um lançamento de livro, isto não é um velório. Em contraponto, penso na entrega honesta de um livro, que transporta para longe mas garante a passagem de volta, sem a falsa promessa de nos tirar de onde estamos. Mas será que vamos conseguir embarcar?

Alguns pactos talvez precisem ser restabelecidos para que consigamos nos ler melhor antes mesmo de nos atrevermos a escrever ou reescrever as várias realidades. Nas salas de videochamadas, por exemplo, aparentemente estamos tentando nos ouvir mais, sinalizando um a vez do outro, observando as condições de escuta e de fala, redobrando a paciência. Não que isso seja uma regra, mas uma oportunidade. Talvez aprendamos até a ver beleza na falha, na imperfeição, e reconheçamos que há muito mais para além daquilo que consegue ser dito de forma cristalina. Como se o abalo das certezas, essa arrogância anterior, nos estivesse levando para uma outra plataforma, do incerto, do sensível, do maleável. Será que haverá um mergulho mais profundo para as subjetividades? Qual será o valor da experiência, individual e coletiva? O que conseguiremos imaginar? Será que tudo isso que nos afeta vai ser o ponto de partida visível de narrativas que conseguirão ser enxergadas como pertencentes a algo novo? Faremos o possível, como sempre, mas talvez comecemos a olhar para os cantos da casa, para os buracos que ficaram, riremos quando for para rir, choraremos de novos jeitos. Vamos escrever sem saber por quê — sempre fizemos isso, mas agora fomos chacoalhados: sairemos de um mesmo lugar e não saberemos onde vamos parar.

Todo dia passa a ser bom se houve algo que significou: humano. E as palavras tentam cuidar, mais do que dar nome. Tentam chegar como um abraço, desses que não estamos podendo dar. Como se importasse menos o que elas significam e mais as suas funções fáticas. Quando nos perguntamos se está tudo bem, respondemos que sim, que não, tanto faz. Por pouco, não vamos abandonando a importância da pergunta,

como se só importasse fazê-la — e, talvez, encontrar outras formas que queiram dizer: eu te escuto, eu também estou aqui. Então me abro para tudo o que possa se estabelecer como um alento: será bom rever as frases, reacomodar os morfemas, abandonando qualquer regra e certeza, encontrando palavras que sejam também feitas de silêncio.

E, assim, escrever vai se tornando um ato corajoso de enfrentamento desse silêncio. De vez em quando, as palavras encadeadas tentam dar conta das infimidades em volta: como perceber que a luz atravessa a casa e passeia, para logo ver que não há mais luz, que a terra girou, um dia passou, outro mesmo dia, observando os cacos e frangalhos à espera de reconciliação, pensando que não pode haver destruição do que já estava destruído — e que isso passaria despercebido não fosse vertido em texto, escrito daqui, lido ali.

Ou a possibilidade de dar palavras de presente, rendendo-me ao acaso. Foi um dia desses.

Acordei pensando na minha amiga que fazia aniversário e passei a manhã vendo os cumprimentos passarem na caixa de mensagens. Tomei medidas. Escrevi o nome dela, o sobrenome dela, contei as letras. Reservei. Anotei o dia, o mês, o ano. Somei. Peguei os números. O primeiro usei para contar as estantes de livros da minha casa, em uma ordem decidida antes de começar o jogo, até chegar a uma estante em particular. O seguinte me serviu para contar os livros, da esquerda para a direita, até chegar a um. Outro número me deu a página. O próximo, a linha. Li em voz alta, fez sentido, pareceu um presente. Anotei os passos e escrevi para ela, tanto o registro das etapas quanto o resultado.

“Mas — mas era uma tarde de maio e o ar fresco era uma flor aberta com o seu perfume. Assim achou que era maravilhoso e inusitado ficar de pé na rua — ao vento que mexia com os seus cabelos. Não se lembrava quando fora a última vez que estava sozinha consigo mesma. Talvez nunca.”

Pratiquei esse tarô literário em uma tarde de maio, misturando o controle (os livros de minha casa) e o acaso (a escolha a partir dos números), como um oráculo — imperfeito mas possível. Transcrevi cinco linhas a partir da décima linha de *A bela e a fera — ou A ferida grande demais*, último conto escrito por Clarice Lispector, em 1977, e publicado em um livro de contos pela Nova Fronteira, em 1979. O meu exemplar,

de 1999, publicado pela editora Rocco, é um dentre os mais de quinhentos livros que tenho aqui, onde ele sempre esteve, mas nunca foi visto desse jeito, em uma conversa entre mim e minha amiga, que ansiava por ficar de pé na rua e estar por um momento só, ou com o vento, mexendo nos seus cabelos.

Talvez nunca tenha reparado tanto, ao longo dos dias, nas palavras que entram e saem, que chegam e vão embora. Vejo-as como fios que costuram os pedaços de nós, de todos nós que nos sabemos, agora, tão despedaçados. As pequenas mensagens de “bom dia, como você está, vai passar, o que posso fazer para ajudar, durma bem” vão sendo escritas por dezenas de mãos distantes que se entrelaçam e que não chegam a constituir, em si, nada que se configure como um texto ou uma obra — mas apresentam uma tessitura muito própria, de cuidado e contato. Se antes eram palavras que, facilmente, se jogavam fora, se deixavam escorrer, agora elas me transmitem presença, tanto a minha própria quanto a do outro. Como se clamássemos: não nos tirem as palavras, a chance de dizermos, a procura por quem escute.

Pelas frestas, nos momentos possíveis, aos poucos vejo surgindo páginas novas, contendo cenas, histórias, sensações, mergulhos, como se no meio das palavras todas que chegam também pudesse aparecer o texto literário, que reorganiza os fragmentos e procura criar uma unidade própria, vigente ou latente, apontando para algumas possibilidades de confronto com o que somos e com o lugar onde estamos. Tenho observado esses textos como algo que brota em um terreno que parecia estéril e impotente. Invariavelmente, me dão a sensação de que são experimentos frágeis, compartilhados com uma apreensão nova, como se a escritora ou o escritor agora também se perguntassem: será que isso vai fazer sentido agora?

Esse novo gesto da escrita, que observo com cuidado, também se aplica a outros gestos, que transformam intenções em fatos, que tentam se transformar em algo concreto. Pois descí as escadas algumas vezes para receber, na porta do meu prédio, alguns presentes que só queriam ser um abraço: pão caseiro crocante, ainda quente; torta de chocolate com amêndoas, para agora e um pouco mais tarde; sopa de legumes com leves toques de canela; torradinhas de orégano; canjica no pote; pizza enroladinha; ou uma bandeja colorida composta por chips de mandioca,

pote de homus e coalhada, tâmaras, castanhas, damascos secos, um cacho de uvas, a metade de um kiwi, morangos, batata bolinha, tomate-cereja, tofu temperado, uma porção de abobrinhas assadas e dispostas em trouxinhas, palitos de cenoura, um ramo de alecrim.

Apenas palavras, parecem agora. Palavras que viram gestos, apreendidos na hora. Ou gestos embutidos de outras coisas. Tão difícil de explicar, mas falo aqui de tudo o que tenta se fazer presente diante da ausência individual e da dor coletiva. Da palavra que vira companhia e cuidado e dos pequenos gestos que também se leem como companhia e cuidado, criando um novo sentido para a conexão. Como se a comunicação e a escrita estivessem sendo submetidas a uma verificação nova. A palavra passa a ser menos importante do que a presença, essa presença impossível, que só se torna possível pela... palavra, constituindo mais uma camada de contradição. E que vez ou outra vira gesto, o próprio gesto embutido na palavra ou transformado em flor, em comida.

Comecei a fazer uma experiência com uma amiga que também está tentando se concentrar e enfileirar as tarefas, mas se deixa, como eu, levar pela falta de concentração e pelos medos que vêm do silêncio, da solidão e da incerteza do futuro. Já fizeram algo assim por aí, vamos tentar por aqui também. Seguimos a ideia de um professor que cria salas no programa de videochamadas para que os alunos possam escrever em companhia. *Vou cumprimentá-los e seguiremos em silêncio*, criando uma satisfação de que estão a fazer — qualquer coisa — juntos.

Abrimos nós duas então um espaço, que alguma vez se chamou salinha de escrever; outra, quarto da concentração; ou, ainda, aposentos para ler e tentar outra coisa. E deixamos os microfones abertos para ouvirmos os teclados aqui e ali e, vez ou outra, nos escutarmos pensando em voz alta, intercalando momentos de pausa e descontração e estabelecendo um momento comum, que poderia querer dizer: venha, vamos escrever; eu aqui, você aí. E que também emula outros convites possíveis: venha, medite comigo, se exercite comigo. Venha, assistiremos a esse show e comentaremos no chat, em paralelo. Venha, vou cantar e você vai ouvir — você pode até cantar junto e aplaudir, mas não vou ouvir de volta. Mas talvez eu possa ler o que você escreveu e responder no mesmo instante. É possível que eu sorria e o sorriso seja para você. Mas se eu me emocionar daqui e você se emocionar daí, guarde bem esse momento. É o mais perto que você vai chegar de um encontro.

Então, tudo o que acontece ao mesmo tempo toma uma outra dimensão. Quando saio com a máscara, me fazendo inspirar o mesmo ar que expiro e embaçando meus óculos, prefiro manter os ouvidos descobertos. Antes, caminhava ouvindo música, listas selecionadas que me acompanhavam e davam à calçada uma outra densidade — às vezes de algodão, outras de caminho de terra, ou cimento com molas impulsoras. Como se antes sempre precisasse de algo em movimento, dentro ou fora, para, nesse equilíbrio, conseguir reparar no que se passa, em um dos lados.

Agora, o movimento é restrito ao que acontece perto, muito perto. Se saio, é com ouvidos bem abertos, para contrabalançar a boca coberta, o nariz coberto. O que respiro vem de mim mesma, não mais o cheiro das coisas marcando por onde vou, dando as pistas do que vai aparecer logo à frente, aqueles cheiros que antecipam. Me sinto isolada dentro do próprio isolamento, mesmo quando vou ao encontro do mundo.

Talvez por isso ressurja para mim a beleza do rádio, que me põe em contato com todos os que estão ouvindo a mesma estação naquele momento. Nada do que acontece ali voltará a acontecer do mesmo jeito. Uma gravação até pode repetir a vibração, a intenção. Mas não em um momento igual para tantos. Como em uma transmissão online de qualquer natureza, que nos faz permanecer em um presente expandido: todos aqui, agora.

E assim vou acolhendo aquilo que cria simultaneidade. O que distancia, busco repelir. A minha nova régua é a palavra que significa: estou aqui. E como quem pode dizer: estou perto. Isso ilustra para mim o fenômeno das *lives*, dos “ao vivo”, de tudo o que acontece espontaneamente do lado de lá do computador, do celular, dos objetos que nos transportam ao mundo virtual, e nos faça sentir no mesmo instante que o outro, neste mesmo planeta.

Não que não me deixe levar pelo encanto de todas as gravações e que o fenômeno não se repita. Ele se repete. Como um livro que me leva para um ponto do tempo que não é este da leitura, nem aquele da escrita, mas um ponto terceiro, onde sintonizo com quem escreveu e ali fico, tateando, na voz do narrador — quem quer que seja ele — a presença de quem o criou.

Talvez por essa razão não esteja conseguindo ler por um intervalo longo, somente aos poucos, com a concentração fugaz: porque nem

sempre consigo acessar o lugar de quem escreve, quando escreveu, enquanto escreveu — essa busca quase impossível que pode ser, apenas, a imensa falta do outro. E assim fico, como o homem na poltrona de veludo verde, lendo o romance que narra a sua própria morte: duas camadas de ficção se fundindo e criando narrativas infinitas quando observamos os tempos de quem lê, somados aos tempos de quem escreve, e os das vozes que habitam o livro. Onde todos se encontram senão na leitura, essa dimensão imaginada? Procuo esse mesmo ponto, encontro e não encontro, mas sei que quero, também, chegar, atingir, registrar — talvez por isso a coleção de coisas que quebram, de recortes de jornal: alguma hora isso vai virar outra coisa.

Hoje vão reabrir alguns parques da cidade, e sinto que escrevo em um barco que balança. Hoje, mais tarde, vou abrir o programa de videochamadas e mais uma vez mostrar a minha casa, onde estou, a cara limpa, e direi o que conseguir. Ainda não sei se direi as mesmas coisas, se diremos as mesmas coisas, se falaremos em uma eterna pororoca de pessoas dizendo tudo ao mesmo tempo, se esqueceremos de ouvir o silêncio, se será um tempo em que a intimidade, sem filtros, precise se manifestar. Se cada um terá o seu direito à fala, se a ausência vai falar pela presença. Se a palavra será nosso maior presente, se precisaremos ter uma literatura de afeto, do que afeta e se relaciona, sem certezas, sem duração, mais do que a literatura de reflexão, distração ou angústia. Não dominaremos mais quais nostalgias indesejadas decorrerão das memórias individuais ou coletivas, que absurdos brotarão das descrições do real, que possibilidades vão se abrir para a imaginação.

Talvez o enredo importe menos. Talvez a linguagem importe menos. Talvez o que importe vá ser o que se consiga transmitir, de um lugar da escrita até o lugar da leitura, a ideia de um livro como ponte de um até o outro, cada qual honrando os lugares onde estão, tentando criar um destino, outro, juntos. Talvez tentar escrever seja, a partir de agora, atender a um chamado importante. ■